

## A RELAÇÃO ENTRE ATO E POTÊNCIA NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES

Maria Eduarda Bandeira Cardoso dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende expor o tema da relação entre ato e potência, com base na metafísica aristotélica. Por meio de uma análise geral, serão abordadas as principais questões relacionadas aos conceitos de ato e de potência, expostas no livro IX da *Metafísica*. A proposta do artigo é ajudar o leitor a compreender melhor a relação existente entre ato e potência, conceitos essenciais para o filósofo Aristóteles desenvolver sua teoria do movimento e da mudança, apresentando, ao mesmo tempo, a solução proposta por Aristóteles ao paradoxo do movimento.

**Palavras-chave:** Ato; Ser; Metafísica; Movimento; Potência.

**Abstract:** This article seeks to expose the theme of the relationship between act and potency, based on Aristotelian metaphysics. Through a general analysis will be discussed the main issues related to the concepts of act and potency, exposed in Book IX of the *Metaphysics*. The purpose of the article is to help the reader to better understand the relationship between act and potency, essential concepts used by the philosopher Aristotle to develop his theory of motion and change, presenting at the same time the solution proposed by Aristotle to the paradox of motion.

**Keywords:** Act; Being; Metaphysics; Movement; Potency.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz; bolsista FAPESB de Iniciação Científica, projeto: “A *téchne* em Platão e Aristóteles”; e-mail: mariaeduarda91ios@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Aristóteles é considerado um pensador importante na história da filosofia, devido a grande influência de seu pensamento, em diversas épocas. Entre as questões que Aristóteles refletiu está a problemática do movimento. O problema do movimento surge da disputa entre Heráclito e Parmênides, o primeiro defendendo a transitoriedade e mudança constante de todas as coisas e o segundo afirmando a completa imobilidade e imutabilidade do *ser*. Heráclito e Parmênides fundamentam suas teorias com argumentos válidos: nossas experiências no mundo nos mostram claramente que as coisas mudam no decorrer do tempo, diz Heráclito, e sequer podemos nos banhar duas vezes num mesmo rio, mas Parmênides rebate dizendo que nossa própria razão nos obriga a assentir que o *ser* existe e é imutável, pois o que muda não é, e se não é, não existe, portanto, o ser é imóvel. Como essas posições são contraditórias nos deparamos com uma difícil questão: como os entes podem mudar e ao mesmo tempo ser?

Aristóteles foi um dos primeiros filósofos a fundamentar uma possível solução ao paradoxo do movimento, através da Teoria do Ato (*energeia, entelecheia*) e da Potência (*dynamis*). Neste artigo, após a apresentação inicial do problema, abordo os principais aspectos da teoria do ato e da potência, explicando as características principais desses conceitos, à quais coisas e de que modo se aplicam, e assim demonstro como Aristóteles concilia o a existência de *ser* e *dever* no Cosmos.

## A DICOTOMIA ENTRE SER E DEVER

O problema filosófico do movimento evidencia-se mais claramente quando Heráclito de Éfeso afirma a mudança permanente de todas as coisas; ele afirmava que "tudo flui, nada permanece", ao passo que Parmênides defendia o monismo e o imobilismo do ser; Parmênides afirmava que o Ser é eterno, imutável, indestrutível, indivisível e imóvel, e que aquilo percebido pelas sensações, como o movimento e a mudança, é enganoso, falso e pertence ao domínio da opinião (*doxa*). Portanto, a doutrina defendida por Parmênides – o ser é – é uma oposição direta ao *mobilismo*, defendido por Heráclito de Éfeso. Se “o ser é e o não-ser não é”, como defende Parmênides, então como é possível o movimento do mundo sensível? Devemos, então, concluir que este mundo ao qual percebemos pelos sentidos é enganoso e aparente, apenas, não sendo possível conhecê-lo?

Aristóteles, ao tentar solucionar essa questão, não nega o vir-a-ser de Heráclito, nem o ser de Parmênides, mas une-os em uma síntese explicativa da realidade sensível.

Ele se depara com a tarefa de garantir a existência concreta do ser, sem negar, contudo, o movimento presente na natureza. Evitando a contradição por meio da interpretação analógica da noção de ser, Aristóteles propõe que se faça uma distinção quanto ao ser. Este não é apenas o que já existe em ato, mas também é o que *pode vir a ser em ato*, ou seja, o que existe em potência. Assim, sem contrariar qualquer princípio lógico, ele estabelece que uma substância, em um dado momento, apresenta certas características e, em outro momento, apresenta características diferentes.

Segundo Aristóteles, o termo *ser* é empregado em diversas acepções, ou seja, há vários modos de dizer o ser. O primeiro modo é por meio das dez categorias (a substância e os nove acidentes); o segundo é a potência e o ato; o terceiro, a verdade e a falsidade; e o quarto modo, pelas quatro causas. Portanto, o termo *ser* possui muitos significados, sendo que um destes significados é dado pela explicação "ser em potência" e "ser em ato", ou, dito de outra forma, o ser, segundo a potência e o ato (Cf. *Metafísica*, V 7).

Para explicar filosoficamente o movimento, Aristóteles recorre às noções de ato e potência e as explica mais detalhadamente no livro IX de sua *Metafísica*.

## **EXPLICAÇÃO PARA O MOVIMENTO E MUDANÇA POR MEIO DO CONCEITO DE POTÊNCIA**

O movimento é definido por Aristóteles como a realização do que está em potência. Para melhor explicar isso, ele desenvolve uma teoria do movimento que tem como base os conceitos de ato e de potência. De acordo com essa teoria, o movimento é a atualização de algo que já se encontrava em um ente, enquanto potencial. Se o ser é não apenas ato, mas também potência, as coisas podem sofrer modificações sem deixar de ser, pois se tornar outro será o mesmo que a passagem de um modo de ser a outro.

Uma coisa pode existir em ato e não em potência, ou em potência e não em ato, de modo que é possível que um ser que tem a potência de andar não ande, e ou que ande tendo o poder de não andar, e assim também em outros casos, como ver, pensar etc.. Aristóteles define o termo potência como princípio originador de mudança. As potências podem ser passivas (capazes de sofrer mudança), residindo no paciente que sofre a ação; ou ativas (capazes de produzir uma mudança em si ou em outro), residindo no agente.

A potência pode estar presente tanto em seres inanimados como em seres animados (animado significando "aquele que possui alma", anima em latim<sup>2</sup>. Alguns dos

---

<sup>2</sup> Alma em grego é *psyche*, que significa "sopro de vida", "sede de sentimentos e sensações" e "sede da racionalidade", para Sócrates, Platão e Aristóteles. Anima, no latim, mantém o significado arcaico (homérico) de *psyche*, vida, sopro vital, sendo às vezes sinônimo de *pneuma*.

seres animados possuem almas dotadas de razão e por isso existe potência racionais e potências irracionais<sup>3</sup>. As potências racionais podem ser inatas ou adquiridas; as adquiridas o podem ser pela prática ou pelo aprendizado. Todas as potências racionais são ativas.

As potências racionais são capazes de produzir efeitos contrários, enquanto que as irracionais só são capazes de produzir um só e mesmo efeito. As potências irracionais se atualizam sempre que o agente e o paciente se encontram da maneira apropriada; nesses casos a potência do agente, necessariamente, causará o efeito que lhe é próprio no paciente e este sofrerá o efeito que é próprio de sua potência passiva. Já as potências dos seres racionais não irão necessariamente agir tão logo estejam junto ao seu paciente e nas condições adequadas. O que decide se uma potência racional produzirá um efeito ou o seu contrário é o desejo ou a vontade do agente.

Exemplos de potências irracionais são: o fogo – que tem a capacidade de queimar –, a água – de molhar – e o raio – de eletrocutar. E exemplos de potências racionais são todas as artes (arte em grego se diz *techne*, palavra que possuía tanto o significado atual de arte como o de técnica<sup>4</sup>); ou técnicas (*technai*). A arte da arquitetura é um exemplo de potência racional. As potências racionais têm a capacidade de produzir efeitos contrários porque o fator determinante para que se atualizem ou não é uma alma dotada de racionalidade. Outros exemplos de potências racionais são a arte médica e a do estrategista militar, pois o médico pode produzir tanto a saúde quanto a doença, e o estrategista pode tanto levar o seu exército à vitória quanto à derrota. Entretanto, é preciso destacar que as potências racionais não residem apenas nos humanos, pois alguns animais possuem sensibilidade, memória e alguma inteligência.

## O ATO ENQUANTO SER PRESENTEMENTE EXISTENTE

Aristóteles diz que não devemos buscar a definição em tudo, pois, às vezes, é necessário que nos contentemos com analogias. Ele não define expressamente o que é ato, mas mostra o sentido do termo por meio de exemplos e pelo contraste com a potência. Ato e potência são dois modos opostos de existir e há uma relação entre ato e potência na qual

---

<sup>3</sup> Em Aristóteles é correto falarmos em partes de uma e mesma alma, diferente de Platão, para quem a parte da alma que sobrevive à morte do corpo é a racional. Para Aristóteles, e isso vem de sua biologia, o que difere o animal do vegetal é a capacidade de sentir ou perceber, a *aisthesis* (sensação/percepção). A alma dos animais, além das funções nutritiva ou vegetativa (comum às plantas), básicas para a sobrevivência, possui a sensação e por meio dela consegue apreender algumas coisas do mundo e formar, pela experiência, certa memória, por isso alguns animais podem aprender, como cães e gatos, por exemplo. A racionalidade humana difere por ser reflexiva, coisa que os animais não possuem, mas eles são capazes de “certa racionalidade”.

<sup>4</sup> Técnica para o grego é um saber de tipo teórico que tem aplicação prática e relação com coisas que podem ser produzidas, como um navio, uma casa ou um poema.

o ato está para a potência assim como certas coisas estão para outras. Aristóteles (*Metafísica*, 1048 b)<sup>5</sup> cita exemplos de antíteses, em que os primeiros membros dos pares correspondem ao ato, e os segundos à potência:

Quem constrói está pra quem pode construir, quem está desperto para quem está dormindo, quem vê para quem está de olhos fechados, mas tem a visão, e o que é extraído da matéria para a matéria e o que é elaborado para o que não é elaborado, ao primeiro membro dessas diferentes relações atribuiu-se a qualificação de ato e ao segundo a de potência.

Algo potencial ou que existe em potência é o que não existe realmente num determinado momento ou não está sendo realizado, mas pode vir a existir ou vir a ser realizado. O ato é o oposto disso, é aquilo que existe realmente ou que é realizado presentemente. O homem que não está pensando, mas tem a capacidade de pensar, é um pensador em potência, mas só é um pensador em ato quando de fato está pensando. Do mesmo modo, o olho que está fechado pode ver em potência, pois basta que se abra para que veja em ato.

Segundo Aristóteles, os seres realmente existentes os são em ato, pois só o ato pode existir presentemente. Já a potência é o que o ente pode vir a ser, fazer ou produzir. Por exemplo, a semente que é em ato semente, é também uma árvore em potência. A árvore em ato é em potência, por exemplo, ou uma cadeira ou uma mesa. Para que a semente concretize em ato a potência de tornar-se árvore é necessário, apenas, que tenha as condições ambientais necessárias para tal; mas para que a madeira de que é constituída a árvore torne-se uma cadeira ou mesa em ato é necessária a intervenção humana, aqui, no caso, a *techne* (arte, técnica). Aristóteles (*Metafísica*, 1048 a) cita outros exemplos: “Dizemos em potência, por exemplo, um Hermes na madeira, a semi-reta na reta, porque eles poderiam ser extraídos, e dizemos pensador também aquele que não está especulando, se tem a capacidade de especular”.

Não se diz de todas as coisas que existem em ato que são, de fato, em ato, no sentido mais próprio da palavra, pois alguns são ditos em sentido análogo (semelhante ou aproximado). **A** está para **B** assim como **C** está para **D** é um exemplo de analogia, que ajuda a entender o sentido de análogo. Outros exemplos são: Sócrates está para Platão assim como Tales está para Anaximandro; ou o filho está para o pai assim como o pai está para o avô. O movimento em ato em relação à sua potência é dito “em ato” no sentido análogo, pois o movimento não é algo que existe por si só; não existe o movimento em si (enquanto substância), mas apenas enquanto movimento de algo ou em algo. O mesmo se aplica à substância em relação à matéria. Nesse caso, se diz que a substância (*sínolo* de

---

<sup>5</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução para o português de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005.

matéria e forma) é ato e a matéria é potência, mas a substância é composta de matéria modificada pela forma.

Desta maneira, o ato e a potência são distintos, sendo o ato princípio ativo determinante e a potência a capacidade de realização. Aristóteles diz que o ato é a própria existência de algo, enquanto que a potência é tudo aquilo que um determinado ente pode vir a ser. No capítulo oito do livro IX da *Metafísica*, Aristóteles afirma que o ato é anterior à potência. Aristóteles (*Metafísica*, 1049 b) diz que:

Chamo, por exemplo, construtor quem tem a capacidade de construir, vidente quem tem a capacidade de ver, e visível o que pode ser visto. O mesmo vale para tudo o mais. De modo que a noção de ato, necessariamente, precede o conceito de potência e o conhecimento do ato precede o conhecimento da potência.

Assim, o ser atual tem anterioridade, pois só podemos pensar em algo possível sob o pressuposto do atualizado, e só é possível o que pode vir a ser atual; porém, o potencial particular tem prioridade no tempo, pois o ato nos entes contingentes é sempre a realização do potencial.

Aristóteles diz que o ato é anterior à potência quanto à forma, à essência e ao tempo:

1) *Anterior quanto à Forma*. Um exemplo de anterioridade quanto à forma é dizer que o *poder ver* é a potência e o *ver* é o ato. O ato de ver é anterior, pois só podemos dizer que algo é capaz de ver porque já existe o ver em ato. Não seria possível existir a capacidade de ver se não houvesse o ato de ver. Em todos os casos desse gênero o conhecimento do ato precede o conhecimento da potência e se diz que o ato é anterior na forma por se referir ao modo como conhecemos e nos expressamos acerca das coisas. Portanto, o conhecimento do ato precede o da potência.

2) *Anterior quanto à Essência*. São os seres em ato que produzem os seres em potência, por exemplo: o homem é anterior ao feto e a árvore é anterior à semente, pois o feto não pode vir a existir se não houver um homem e uma mulher que já existam em ato e, no caso da árvore, a semente que é produzida por ela só pode vir a existir se já existir uma árvore em ato que a produza. As essências de *homem* e *árvore* são anteriores aos entes potencialmente homens ou árvores e, por isso, o ato é anterior quanto à essência. Ou seja, de acordo com Aristóteles a galinha veio antes do ovo, pois ela é em ato e o ovo é uma galinha apenas em potência.

3) *Anterior quanto ao Tempo*. O que existe em potência nasce por intermédio de um ser que já existe em ato, ou seja, o potencial é transformado em ato por algum ser que já existe em ato. Por exemplo, o homem adulto é posterior no devir (desenvolvimento, mudança) ao menino, pois todo homem é primeiro menino antes de se tornar homem, mas é anterior quanto ao tempo porque primeiro deve existir algum homem em ato para

que possa existir algum em potência. O ser humano desenvolvido é posterior ao *sêmen* (semente) no tempo, pois todo ser humano para se tornar tal primeiramente é um *sêmen*, mas o homem em ato é anterior na forma e na substancialidade, porque o homem possui mais forma e substância do que o *sêmen*, ele é mais ato, mais atualizado.

## O ATO COMO FIM DA POTÊNCIA

Segundo Aristóteles, tudo que se move ou se modifica o faz com vistas a um fim (*telos*). O ato é o fim e a potência existe em vista do fim que é o ato. O ato é anterior porque é o fim a que a potência se dirige. O ato é o fim a que tendem as potências nos exemplos dados por Aristóteles. Ele diz, por exemplo, que os animais não veem a fim de adquirirem a visão, mas têm a visão para poderem ver. Seria até absurdo pensar que algo precise ver para adquirir a visão, pois se vê é porque já possui a capacidade de ver. Do mesmo modo, não dizemos que os homens constroem a fim de possuir a arte (*techne*) arquitetônica, como se possuir a arte arquitetônica fosse o fim a que se propõem; ao contrário, dizemos que possuem a arte arquitetônica a fim de construir, ou seja: possuir a arte é o meio necessário para realizar o fim que é construir. Assim também ocorre com o teorizar ou especular: não dizemos que alguém teoriza ou especula para adquirir a capacidade de teorizar ou especular, pois se realiza essas atividades é porque já tem a capacidade de exercê-las. As únicas exceções são aqueles que estão aprendendo uma arte (*techne*), como os que tocam flauta para aprender a tocar, ou praticam a medicina para se tornarem médicos, mas, nesse caso, não se pode dizer que realmente possuam a arte enquanto a aprendem.

Em certos casos, o fim é a própria atividade que se está realizando enquanto que em outros o fim é a produção de outra coisa, o que é conseguido por meio da ação. Um exemplo do primeiro tipo é a seguinte visão: do ato de ver não resulta nenhuma outra coisa que não o próprio ver. Exemplos do segundo tipo são todas as artes produtivas como a marcenaria, a pintura e a ourivesaria. Aristóteles cita o exemplo da arquitetura, no qual o arquiteto realiza a ação de construir; essa ação não é um fim em si mesmo, mas tão pouco é infrutífera, já que dela resulta a produção de uma casa. O mesmo ocorre com todas as artes produtivas. É a produção de algo além da própria ação realizada que as diferencia das artes práticas, como a esgrima e a dança.

O ver, o pensar, o ouvir e semelhantes são atos que constituem fins em si mesmos, ou seja, o fim da ação é a própria ação que se realiza. Já no caso das atividades produtivas, o ato é mais fim do que a potência, ou seja, a casa em ato é mais fim do que a potência de construir, pois o fim do ato de construir é a casa e o ato de construir realiza-se

na coisa que está sendo construída. A vida e a felicidade são atos que estão presentes na alma e constituem fins em si mesmos, pois o viver não é uma atividade produtiva da qual resulte algo externo, mas uma atividade que tem em si mesma o seu fim, e assim também é a felicidade (*eudaimonia*).

O ato é anterior à potência ainda em outro sentido, pois os seres eternos são atos puros, enquanto que os seres perecíveis são misturas de ato e potência. Obviamente, os seres eternos são anteriores aos seres finitos, pois o que é eterno sempre existiu. E como são em ato, o ato é anterior à potência também nesse sentido.

### **ATO E POTÊNCIA NA COSMOLOGIA ARISTOTÉLICA**

Aristóteles diz que nenhum ser eterno pode existir potencialmente ou ter potência em si. A razão disso é que toda potência é uma potência do seu oposto. O que tem a potência de existir tem também a potência de não existir, ou seja, aquilo que tem potência pode tanto ser quanto não ser, embora não ao mesmo tempo. O ente que, necessariamente, é não pode existir em potência, pois dizer de algo que “necessariamente é” é o mesmo que dizer que necessariamente existe e, como sabemos, aquilo que existe presentemente existe em ato. Segundo Aristóteles, as coisas que necessariamente existem são os princípios primeiros, as esferas supra lunares e o próprio *Cosmos* (mundo)<sup>6</sup>; são eternos e por isso existem sempre em ato.

Aristóteles compreendia o *Cosmos* como um conjunto de esferas concêntricas, sendo a Terra a esfera central e a esfera das estrelas a mais externa, estando entre elas as esferas dos planetas, do Sol e da Lua. O movimento dos entes que compõem esse *Cosmos* pode ocorrer em virtude de uma potência ou um ato, pois os dois tipos de entes existentes, os eternos e os contingentes, realizam movimentos eternos ou finitos, respectivamente. Todos os movimentos das substâncias do mundo sublunar são finitos, e se pode dizer que essas substâncias se movem em virtude de uma potência. Já os movimentos das esferas celestes são eternos e não se pode dizer que se movem em virtude de uma potência, pois estão sempre em movimento.

O fato de os movimentos eternos dos astros serem ato puro, por estarem em perpétua atividade, significa que esses movimentos não são resultado de uma potência que admite contrários, ou seja, a lua e os demais astros não se movem em consequência de uma potência que os permite se moverem ou não, pois se movem sempre, em ato. Por isso,

---

<sup>6</sup> Embora não o sejam os entes individuais da parte sublunar do *Cosmos*.

não há risco de cessarem os movimentos dos astros, que sempre percorrerão suas órbitas regularmente.

O que impossibilita o movimento eterno das substâncias sublunares é o fato de se moverem por natureza linearmente para baixo ou para cima até o seu “lugar natural”. Num universo finito, tal como o imaginou Aristóteles, não é possível um movimento retilíneo eterno, pois fatalmente se chegaria aos limites do Cosmos, podendo ser eterno apenas o movimento circular dos astros; o movimento circular é considerado perfeito, pois pode continuar eternamente; é o movimento sobre si mesmo.

Os elementos sublunares – terra, ar, água e fogo – estão submetidos à mudança, embora não tenham movimentos por si mesmos; tudo no mundo sublunar está em constante devir e apenas as essências e os princípios primeiros são imutáveis. Exemplos do movimento frequente dos quatro elementos são as mudanças das substâncias no mundo sublunar. O movimento constante e regular é propriedade exclusiva dos astros. Todos os demais entes materiais possuem potências que admitem contrários, podendo se atualizar ou não, e por admitirem contrários não podem estar sempre em atividade.

O que Aristóteles afirma acerca da natureza do mundo sensível, isto é, do movimento e da mudança das coisas, remete às teorias do químico francês Antoine Laurent de Lavoisier, que viveu mais de dois mil anos depois. O famoso princípio da conservação da matéria, expresso por Lavoisier, ainda aceito atualmente, segundo o qual nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma, já encontramos, de certo modo, presente em Aristóteles, pois este compreendia o Cosmos como sendo eterno, finito e fechado, semelhante a um aquário do qual nenhuma matéria podia sair ou entrar e tampouco ser destruída ou criada.

Segundo Aristóteles, todas as substâncias do mundo sublunar são compostas dos quatro elementos: ar, água, fogo e terra<sup>7</sup>, como citado anteriormente. Apesar das transformações a que estão sujeitos os entes, a quantidade total desses elementos é sempre a mesma. Lavoisier afirmou que as transformações naturais como, por exemplo, o crescimento de uma árvore a partir de uma pequena semente ou o apodrecimento de uma fruta até sumir, mesmo que possam parecer um surgimento ou desaparecimento de matéria, são, na verdade, apenas transformações da matéria, que passa de um estado de organização para outro, mas preserva sua quantidade total durante o processo.

Aristóteles já dizia que a geração e a corrupção são apenas mudanças de forma, passagens da potência ao ato, no qual não surge ou se perde qualquer quantidade de matéria. Lavoisier, por meio de experimentos, confirmou esse fato, demonstrando que a massa total dos componentes em uma reação química sempre se conserva, não

---

<sup>7</sup> Mais um quinto elemento, o éter, que comporia as esferas celestes.

importando qual reação é realizada. Essa descoberta tornou-se importante não apenas para a Química, mas também para a Física, no contexto da teoria da relatividade de Albert Einstein. Para a física após Einstein, quando se passa a considerar possível a transformação de energia e matéria e vice versa, a quantidade total de matéria e energia do universo continua sendo considerada constante, sendo as alterações apenas locais. Embora as teorias físicas atuais sejam bem diversas da cosmologia e da metafísica de Aristóteles, e não mais se acredite num cosmos fechado e imutável, sua tese explicativa do movimento e da mudança como passagem da potência ao ato, em que podem ser modificadas as formas e a disposição da matéria, sem que seja alterada a quantidade total dos componentes, parece aproximar-se de teorias científicas mais recentes.

## CONCLUSÃO

Por meio da teoria do ato e da potência Aristóteles pôde conciliar a existência da mudança e movimento no mundo, conforme afirma Heráclito com base em nossas experiências, com a existência do ser, que segundo Parmênides necessariamente existe. Enquanto esses dois filósofos mais antigos afirmavam a existência apenas do ser ou apenas do devir, Aristóteles procurou demonstrar que ambos existem no mundo, cada um à sua maneira.

O ser é o que existe presentemente, em ato: um homem, um cavalo ou um livro são seres que existem em ato; por sua vez a potência é aquilo que um ser pode vir a fazer ou realizar; assim, um livro que pode ser queimado e transformado em cinzas é *em ato* um livro, mas *em potência* é cinzas; esse ente não pode ser livro e cinzas em ato simultaneamente, mas o pode em momentos distintos, pois contém em si a potência de mudar. As coisas podem sofrer modificações sem deixar de *ser*, pois se tornar outro é o mesmo que passar de um modo de ser a outro, ou seja: algo não deixa de existir, de *ser*, porque muda: simplesmente passa a existir de outro modo.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Leonel Vallandro. Prefácio David Ross. Porto Alegre: Globo, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução para o português de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Metafísica: livro 1 e livro 2; Ética a Nicômaco; Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)
- FILGUEIRAS, Carlos A. L. **Lavoisier: o estabelecimento da química moderna nada se cria, nada se perde, tudo se pesa**. São Paulo Odysseus, 2002.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.
- REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. Trad. Marcelo Perine e Henrique de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1993-95. (em 5 volumes)
- ZINGANO, Marcos. **Platão & Aristóteles: o fascínio da filosofia**. 2. ed. São Paulo: Odysseus, 2005.